

MULHERES JOVENS NA INTERNET: ENFRENTAMENTOS E OPRESSÕES

Mariana Risério Chaves de Menezes

Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti

Universidade Católica do Salvador mariana.riserio@hotmail.com

Universidade Católica do Salvador vanessa.cavalcanti@uol.com.br

RESUMO

O presente trabalho versa sobre a exploração de imagens femininas na cibercultura, que consiste em uma ramificação de práticas de exposição por jovens na internet, podendo culminar em violência e crime. Abordando representações de mulheres – com destaque aos corpos e sexualidades – em rede, situa a exposição na cultura do espetáculo. Perpassa os temas do ciberespaço, da cultura juvenil, da dominação masculina e da violência contra a mulher, de marcos legais específicos (sua ausência) e dos ciberfeminismos (movimentos feministas na internet).

Palavras-chave: *violências contra as mulheres, patriarcado, sociedade do espetáculo, ciberfeminismo.*

Introdução.

As mulheres alcançaram conquistas relevantes na sociedade, impulsionadas de forma significativa pelos movimentos feministas. Sua abrangência vai de maior liberdade de ação, expressão e também ao surgimento de marcos legais voltados ao enfrentamento da violência em âmbitos internacional e nacional. Vale ressaltar a construção de agendas específicas de Direitos Humanos de mulheres, com mais destaque e ênfase nos últimos 50 anos, bem como o reflexo nacional na Lei Maria da Penha (11.340, em 2006), conquistada com muito esforço por uma mulher reiteradamente violentada.

Entretanto, apesar da relativa emancipação e mobilidade conferidas, continuam sofrendo opressões e violências que podem passar despercebidas em alguns contextos ou mesmo serem silenciadas, naturalizadas, muitas vezes configurando a violência simbólica (BOURDIEU, 2014), quando a vítima não tem a consciência de estar numa situação opressiva. Tais casos seriam formas de realização do patriarcado, comuns no ciberespaço, ainda que outros tipos de violência aflorem contra a mulher em tal ambiente.

Um fenômeno que vem ocorrendo com frequência diz respeito à exposição de fotografias sexuais e de nudez, por homens, de mulheres com as quais se relacionaram. Se há casos que configurem violências simbólicas, em outros toma o formato de agressões explícitas, como no caso da vingança face ao término do relacionamento – fenômeno recentemente denominado como *revenge porn* (pornô de vingança) - ou por mero desejo de exposição e ridicularização.

É neste mesmo contexto que mulheres paralisam ações e reações com medo do que lhes pode acarretar, seja represália do seu parceiro ou ainda de toda a sociedade. Deve-se ressaltar, aqui, que na maioria dos casos, que vêm ao conhecimento, de violência contra a mulher, o agressor se trata de pessoa conhecida e próxima da vítima (SAFFIOTI, 2004).

Trata-se de um fenômeno atual, onde seus contornos e subjetividades não foram completamente assimilados e tampouco existem formas legais específicas para o seu combate, apenas projetos de leis – ainda que marcos legais, mesmo que disporde de eficácia simbólica não sejam autossuficientes, sem a necessidade de uma reeducação social.

A complexidade da internet assusta os cidadãos comuns em inúmeros contextos: a noção de ser uma “terra sem lei”, a dificuldade no entendimento de que um material lançado na rede dificilmente pode ter os seus vestígios apagados e o fato de os estudos sobre esse espaço ter ficado muito tempo relegado a especialistas, ora afasta a compreensão que se pode ter sobre o meio/instrumento/linguagens associadas, ora provêm entendimentos superficiais e ingênuos. Este contexto age diretamente no apoio que grupos familiares podem prover às vítimas de violências sexuais praticadas na internet, fazendo-se necessária a divulgação e a circulação de material instrutivo e a academia, espaço propício para construção de conhecimento e abordagem crítico-reflexiva, pode estar aberta para elucidação de um conteúdo incipiente e vigente.

Outrossim, um espaço/tema/movimento a ser abordado é o ciberfeminista, que se ramifica em diversas e criativas frentes para responder a altura e na mesma linguagem que as violências propagadas na internet, o que demonstra, de forma empírica, a versão cibernética de conglomeração e lutas positivas.

Tem-se como objetivo discutir a reprodução, no ciberespaço, de uma cultura patriarcal, de objetificação do corpo da mulher e que se sustenta na cultura do espetáculo.

Esta última se faz evidente porquanto a internet abre espaço para o usuário ser também criador, então há uma aproximação das vidas “comuns” às vidas de celebridades (que perpetuam um ideal de perfeição) (BAUMAN, 2014; BAUMAN, 2008; DEBORD, 1997; LIPOVETISKY, 2005), se

expondo em uma exibição exacerbada de imagens pessoais e, neste contexto, o corpo da mulher se desnuda como principal produto: ainda sexualizado e objetificado.

Metodologia.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, bibliográfica, com ênfase na análise de discurso, fundamentada no pressuposto de que as expressões são construídas, podendo-se extrair intenções, motivações e persuasão a partir da análise da escolha das próprias palavras usadas, da entonação, do uso gráfico, bem como do contexto histórico-social em que as expressões foram emitidas. A análise de discurso rejeita a noção “realista de que a linguagem é simplesmente um meio neutro de refletir, ou descrever o mundo”, representando a “convicção da importância central do discurso na construção da vida social” (GILL, 2015, p. 244).

Pretende-se elencar na dissertação casos de violências contra mulheres jovens (18 a 35 anos de idade), ocorridos na internet dentro da margem dos últimos cinco anos (2012-2017), envolvendo a exposição/exploração da imagem feminina. Em contrapartida aos casos, serão descritas situações de união de mulheres em movimento, campanhas e represálias (em diversas ferramentas e frentes criativas), configurando o ciberfeminismo (LEMOS, 2009).

A análise de discurso provém uma base valiosa para o estudo em questão, qual seja, das identidades/representações veiculadas na rede virtual, na tentativa de abranger as novas subjetividades engendradas neste ambiente. Bem como dispõe do arcabouço para a abordagem das falas criadas e difundidas sobre o corpo exposto da mulher agredida na internet.

Os estudos de identidade têm, progressivamente, se voltado à análise das narrativas e indicaram a noção de discurso como categoria analítica central. Enquanto as teorias sociais mais tradicionais tendiam a tratar a linguagem como forma de representação ou como instrumento que meramente refletia estruturas mais fundamentais, como as normas, valores e falas do dia-a-dia, os discursos adquiriram uma nova dimensão ontológica, constitutiva da própria realidade em um processo dinâmico (LEMOS, 2009, p. 38).

Outro método elencado, diretamente relacionado ao meio em que se desenvolve a observação dos casos pesquisados, é a netnografia, com referência no trabalho “Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online”, por Robert V. Kozinets (2014). A netnografia trata-se da etnografia, contemplando seus instrumentos adequados a um novo meio e Kozinets (2014) pontua que outros métodos podem lhe ser complementares: comparação e contraste não são necessariamente concorrência.

A netnografia complementa e se estende a outras abordagens. Pode-se inferir que o meio virtual redimensiona o método etnográfico - que dispõe da clareza, sensibilidade e detalhamento criterioso,

caros ao presente trabalho -, inserindo neste método tradicional suas características, tais como: a diversidade e simultaneidade de usuários, relativização do espaço-tempo, diminuição de gastos, rapidez na informação etc.

Discussão.

Almeja-se explicitar a violência contra a mulher (através da exposição de imagens íntimas) que ocorre na internet, suas características e efeitos, demonstrando que na internet (como na sociedade) sobrevive/se reproduz uma lógica patriarcal de gênero, objetificando e sexualizando as mulheres.

Expondo como uma forma de contrapartida positiva, busca-se demonstrar que os movimentos contra hegemônicos dispõem de um meio (a internet) onde podem amplificar suas ações; Da mesma forma, dispor os contornos dos movimentos ciberfeministas (movimentos feministas na internet) e sua eficácia.

Numa sociedade onde o consumo é fetiche – ao ponto de a linguagem da mercadoria afastar os sujeitos de si próprios -, onde sexo consiste em um bem de consumo de grande valia, a mulher se torna ela mesma um produto a ser consumido. As relações de gênero, especificamente o pejo cultural que recai sobre a mulher, não ficam de fora da lógica do consumo, no sentido alienador do corpo como fonte de prazer, de negação de subjetividades e desejos (CASTRO, 2012).

Para ilustrar tal pretensão, abordar-se-á o caso do “estupro virtual” ocorrido no Piauí¹, no qual o agressor ameaçou a vítima para obter fotos de conteúdo íntimo. Foi o primeiro caso no Brasil tratado sob esses termos.

O agressor – técnico de informática, 34 anos, casado, um filho -, com quem a vítima – estudante universitária, 32 anos – se relacionou por cerca de 6 meses, a ameaçou de enviar suas imagens íntimas para familiares, pedindo que a mesma se masturbasse e enviasse a gravação para ele. O delegado entendeu configurar crime de estupro, prendendo o agressor que ainda será julgado. Não obstante, a polícia apreendeu milhares de fotografias íntimas de diversas mulheres em equipamentos eletrônicos na residência do agressor.

O caso retratado elucida questões importantes sobre o tema; A noção de poder sobre o corpo feminino, desnudando reminiscências de uma cultura patriarcal e machista, o fato de a internet abrir caminhos para delitos cujas dimensões e subjetividades são novas e difíceis de mensurar. Bem como, o ineditismo do crime ter sido considerado “estupro”, o que demonstra a necessidade de

¹ Matéria do Em (2017), disponível em: http://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2017/08/10/interna_nacional.891007/homem-e-presno-no-piaui-por-estupro-virtual.shtml. Acesso em: 24/08/2017.

atenção jurídica para situações específicas cuja gravidade transcende o âmbito virtual. Os contornos de um crime virtual requerem seriedade para sua análise, para que não haja injustiça e falta de compensação para vítima – risco que se corre diante da ausência de leis específicas.

Em outro extremo do que se desenrola na internet, tem-se as conglomerações positivas em prol das mulheres e nos últimos anos diversas campanhas têm ganhado repercussões inéditas. Se apropriando da ebulição de informações exteriores, o ciberfeminismo e suas frentes se valem de todos os meios que lhe chegam ao alcance (comunicacionais/tecnológicos/semióticos) na abrangência da multiplicidade de temas tocantes às mulheres e às tecnologias, em um espaço sem tempo fixo, desterritorializado e descentralizado, onde as identidades são ressignificadas.

O meio favorece a incorporação do discurso feminista. É um sistema de comunicação alternativo, de certa forma contracultural, que permite os discursos não institucionais. É um sistema no qual aparentemente se faz possível uma dissolução dos papéis designados aos gêneros, às identidades. O ciberfeminismo tem sido saudado com otimismo pelas mulheres, e tem se transformado num território de desenvolvimento cultural e social, num espaço público de manifestação (COLLADO e NAVARRETE, 2007).

Neste compasso, uma das campanhas que obteve grande repercussão foi criada pela página *Think Olga*², que se denomina um projeto feminista (de contornos ciberfeministas), criado em 2013, pela jornalista Juliana de Faria. Reúne um conteúdo sobre as mulheres, suas atividades, denúncias, reflexões sobre passado, presente, futuro e emancipação, lançando campanhas e projetos que transcendem o virtual para o real.

Quando Juliana de Faria fez uma palestra sobre uma campanha sobre assédio nas ruas, relatou pela primeira vez em público um assédio sofrido por ela quando criança e, no misto de sentimentos que envolve esse desabafo, foi questionada sobre a veracidade do seu depoimento.

Foi quando surgiram comentários sexuais na internet sobre uma menina de 12 anos, participante do programa de tv/ *reality show Master Chef*³, que a *Think Olga* teve a ideia de lançar uma *hashtag* #meuprimeiroassédio para se expor, discutir, refletir e empoderar as mulheres sobre o tema. Tal fato ocorreu em outubro de 2015 e houve mais de 82.000 *tweets*⁴ sobre o assunto e, diante da análise feita pela Olga em 3.111 histórias, observou-se que a idade média do primeiro assédio era de 9,7 anos. Diante da repercussão, houve a aderência de órgãos como o portal do Governo Federal e a

² Página *Think Olga* “Empoderamento feminino por meio de informação”. Disponível em: <http://thinkolga.com/>. Acesso em: 24/08/2017.

³ Matéria O Globo (2016). Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/assedio-crianca-do-masterchef-pode-gerar-acao-coletiva-17851300>. Acesso em: 24/08/2017.

⁴ Matéria *Think Olga* (2015). Disponível em: <http://thinkolga.com/2015/10/26/hashtag-transformacao-82-mil-tweets-sobre-o-primeiroassedio/>. Acesso em: 24/08/2017.

Unicef que aproveitaram a pauta para reforçar suas próprias campanhas⁵.

Conclusões.

Como reflexo dos anseios, das lutas e reivindicações, a situação das mulheres, seus posicionamentos e, conseqüentemente, suas relações íntimas, emocionais e sexuais se transformaram – não obstante tratar-se de uma transformação em curso e que se depara com entraves.

Os tempos se transformam, mas também as relações e as mentalidades, o que requer reflexão e leitura crítica sobre construções e representações das mulheres nas atuais mudanças sociais cada vez mais latentes. Mais empoderadas, passíveis de inserção no sistema de reprodução e consumo, a conscientização do vivido e a compreensão dos fenômenos que constituem a universalidade abstrata da forma mercadoria são condições fundamentais para a construção do devir para além de qualquer forma/representação de poder (despótico ou patriarcal incluídos). Entretanto, no compasso das mudanças surgem desafios e ondas reacionárias, em novas linguagens e também – o que é gritante, em tradicionalismos e conservadorismos que se afiguram de forma visceral quando da ocorrência de casos de grande comoção.

O papel da internet, no contexto de uma conglomeração e denuncia de abusos e violências, é fundamental, desde que, como meio de divulgação/contestação, não esteja submetido à lógica do valor.

Há que se aproveitar, em um momento em que o óbvio vem à tona, para se abordar sobre machismo, para se exigir respeito e igualdade, o olhar sobre a mulher como sujeito de direitos, de emoções, desejos e sexualidades – em suas próprias construções identitárias -, não as condicionadas pelos moldes de uma sociedade patriarcal, com vestígios misóginos, nem pelo prazer de outrem.

Isto, sem ignorar que o aparato jurídico com a ausência de leis específicas para a violência contra a mulher na internet (o que entendemos como uma das esferas da ética) apenas serve ao recrudescer de distintas formas de “violências sobrepostas” (CAVALCANTI, 2015).

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Amor Líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

⁵ Matéria El País (2015). Disponível em: http://brasil.elpais.com/brasil/2015/10/22/politica/1445529917_555272.html. Acesso em: 24/08/2017.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida Para Consumo: a transformação das pessoas em mercadoria.** Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade.** Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CAVALCANTI, V.R.S. & GOMES, G.E.B.C. Violência(s) portas adentro: categorias relacionais como gênero e famílias em foco interdisciplinar. In: BASTOS, A.C.; MOREIRA, L.V.; PETRINI, G. & ALCÂNTARA, M.A. (Orgs.). **Família no Brasil: Recurso para a pessoa e sociedade.** Curitiba: Juruá, 2015, pp.313-338. (B)

CAVALCANTI, V. R. S; MENEZES, M. R. C.. Direitos e Tempos Virtuais: violências contra a mulher na cibercultura.. **Contemporâneos: Revista de Artes e Humanidades** (Online), 2016.

COLLADO, Ana Martinez y e NAVARRETE, Ana. Ciberfeminismo: também uma forma de ativismo. 2007. Disponível em: <http://www.rizoma.net/interna.php?id=220&secao=desbunde>. Acesso em: 24/08/2017.

DEBORD, Guy. **A sociedade do Espetáculo.** Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

HARAWAY, Donna J. Manifesto Ciborgue. Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: **Antropologia do Ciborgue: as vertigens do pós-humano.** Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

LEMOS, Marina Gazire. **Ciberfeminismo: Novos discursos do feminino em redes eletrônicas.** São Paulo. Dissertação - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – Mestrado em Comunicação e Semiótica, 2009.

LEONARDI, Marcel. **Tutela e Privacidade na Internet.** São Paulo: Saraiva, 2011. Disponível em: <http://leonardi.adv.br/wp-content/uploads/2012/01/mltpi.pdf>. Acesso em: 16/02/2017.

LIPOVETSKY, Gilles. **A Era do Vazio.** Barueri, SP: Manole, 2005.

PISCITELLI, Adriana. **Re-criando a categoria mulher?** Campinas, 2001. Disponível em: <http://www.culturaegenero.com.br/download/praticafeminina.pdf>. Acesso em: 24/08/2017.

SANTOS, Simone Ganem dos. **Mapeando os Corpos Femininos na História do Tempo Presente:** diálogos e representações. 2014. Tese (Doutorado em Família na sociedade contemporânea) – Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea – Universidade Católica do Salvador, Salvador, 2014. Orientadora: Prof^a Dr^a Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Gênero, Patriarcado, Violência.** São Paulo, SP: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2004.

SIBILIA, Paula. **La Intimidad como Espectáculo.** Buenos Aires, Argentina: Fondo de Cultura Económica de Argentina, S.A, 2008.